

Tecnologia como extensão da agência humana

Technology as an extension of human agency

Réplica de Ada Cristina Machado Silveira e Maurício de Souza Fanfa aos comentários de Tarcísio de Sá Cardoso

Ada Cristina Machado Silveira

<https://orcid.org/0000-0002-7554-2248>
ada.silveira@ufsm.br

Professora Titular na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integra o quadro permanente do PPG Comunicação. Colabora no Mestrado Profissional de Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Pesquisadora do CNPq. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras e do grupo de pesquisa Comunicação e Desenvolvimento Conectado.

<http://lattes.cnpq.br/0962895520743039>

Maurício de Souza Fanfa

<https://orcid.org/0000-0003-2702-7652>
mauriciofanfa@mail.ufsm.br

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação (UFSM). Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras e do grupo de pesquisa Comunicação e Desenvolvimento Conectado.

<http://lattes.cnpq.br/5335003848746015>

É muito prazeroso participar do diálogo proposto no GT Epistemologia da Comunicação e acolhido por *Questões Transversais*, podendo ler as questões postas pelo relato de Tarcísio de Sá Cardoso acerca de nosso texto. Tomamos a oportunidade como especial ao constatar que o relato privilegiou perguntas, tanto claras e concisas quanto pertinentes e provocativas. Lembramos do que Lucrécia D'Alessio Ferrara chama de uma epistemologia indagativa dedicada à produção de conhecimento na Comunicação, que, “à revelia daquilo que se convencionou chamar científico, assume a indeterminação dos seus

objetivos e, sobretudo, a indecisão das suas fronteiras” (Ferrara, 2016, p. 144).

Nesse sentido, permitimo-nos responder ao relator da mesma maneira indagativa, uma vez que tal diálogo se propõe iniciar e fomentar um debate, não o encerrar. Dos pontos levantados, destacamos algumas compreensões e tateamentos possíveis, e não nos furtamos a apresentá-las apenas como outras questões para debates futuros.

A Questão 1 ocupa-se da compreensão que os estudos da midiática proporcionam sobre o mundo construído por, inclusive, tecnologias midiáticas. Acreditamos que a principal vantagem de compreender tais transformações como midiática é buscar colocar as práticas midiáticas em articulação com condições e contextos maiores ou anteriores, assim evitando algumas armadilhas de monocausalidade e ampliando nossa compreensão.

Tal é a vantagem de trabalhar, como Stig Hjarvard (2014) sugere, com abordagens de nível *meso* – como é o caso da midiática – capazes de costurar considerações *micro* e *macro*. São outros processos que tematizam a pesquisa social em geral: a industrialização, a globalização, o processo civilizatório, a colonização, a acumulação de capital, a financeirização, a individualização. A midiática seria um entre tais processos, social e historicamente situados.

As forças de moldagem são, nesse sentido, características das tecnologias disponíveis para comunicação. Tais tecnologias também são construídas em suas próprias condições e contextos sociais e históricos. Precisamos nos perguntar, aqui, o que significa tecnológico, tecnologia ou sociotécnico, como posto por Tarcísio na Questão 2, acerca de tais conceitos.

A compreensão acerca do tema que mais nos agrada é a lançada por Bruno Latour em *Pandora's Hope* (1999),

na qual ele propõe pensar a tecnologia como “trabalho congelado”: “um híbrido novo, que carrega atos do passado para dentro do presente e permite desaparecer quem nele investiu ao mesmo tempo que se mantém sua presença” (p. 189, tradução nossa).¹ Tal compreensão nos faz pensar que a tecnologia não é menos humana, é apenas um jogo de espaço, tempo, presença, influência e de extensão da agência humana.

Assim, expressões como sociotécnico, técnico e tecnologia se confundem. É possível abraçarmos tal hibrididade sem abraçar a hibrididade de tais conceitos? Evidentemente, não devemos confundir tal hibrididade com omissão de conceitualizações ou com autorização para indistinções conceituais. Nosso texto realmente dá pouca atenção a tais conceitualizações, pois prefere destacar outras – uma limitação que, esperamos, a presente réplica ajude a resolver.

Na Questão 3, o relato apresenta a indagação acerca da semiótica material e suas distinções, especialmente a questão de tratá-la como uma semiótica não textual. O relator expõe como outras tradições semióticas também tratam de aspectos não textuais. Nosso texto pode deixar espaço para alguma confusão, por isso agradecemos a oportunidade de deixar claro que não buscamos distinguir a semiótica material através de uma relação dicotômica entre texto e materialidade. No entanto, a semiótica material privilegia as materialidades da comunicação. E, em nosso texto, trazemos a compreensão de Madeleine Akrich e Bruno Latour (1992) sobre semiótica, uma consideração que é inclusiva e pretende descrever toda a semiótica, não exclusivamente a material. Akrich e Latour (1992) escrevem em inglês e destacam o lugar da semiótica como estudo da construção de significado – no original, *meaning*, e não *signifier*. *Meaning* pode ser traduzido como significado, mas também como sentido, propósito, intenção e, especialmente, no sentido de *means*, traduzido como meios. No texto em questão discute-se uma “semiótica das assemblagens de humanos e não humanos” (Akrich e Latour, 1992, tradução nossa).² Apenas mais tarde, John Law (2009) postularia tal forma de pensar como uma semiótica material.

Podemos nos perguntar qual a diferença entre o impedimento ou permissão digital de acessar um arquivo e a questão da acessibilidade como um condicionamento da presença. É possível relacionarmos acesso digital, presença e materialidade? Seria possível, a partir daí, relacionarmos informática e estética? Um arquivo digital é material nos termos de Kittler (1995), mas podemos dizer que produz presença nos termos de Gumbrecht (2010)?

Ao menos, tal presença é matizada transnacionalmente, e daí recorreremos ao conceito de paisagem no

pensamento de Appadurai (2004). Como argumentamos em nosso texto, a relação entre SCC como o Portal de Periódicos e grandes editoras científicas é delicada. Apon-tamos como a política da Capes é de garantir acesso de maneira política e contratual, mas o custo de tal postura é ancorar no dólar o preço para manter o Portal, por meio de contratos, disputas e barganhas.

Por fim, na Questão 4, no relato há um comentário acerca da falta de clareza sobre os procedimentos analíticos utilizados. Concordamos que, como foi sugerido, um teste de usabilidade ou a aplicação de uma metodologia definida para análise de *design* de interface seria um agregado interessante ao caráter empírico de nossa argumentação. No entanto, não se tratou de uma prioridade na abordagem que construímos no presente texto. Sentimos que algumas observações e uma descrição simples são suficientes para garantir o material empírico necessário para nossa argumentação.

De uma maneira geral, as questões postas revelam sua leitura atenta e responsável, pela qual somos muito gratos. Dividir o espaço do GT da Compós e do presente Dossiê com tais debates de qualidade é uma rica e privilegiada experiência para construir conhecimento e reflexão sobre a comunicação. Tratando nosso estudo justamente acerca de comunicações científicas, não podemos deixar de notar que tanto a leitura crítica de Tarcísio de Sá Cardoso quanto o formato dos debates postos no presente Dossiê engrandecem e qualificam a área.

Referências

- AKRICH, M.; LATOUR, B. 1992. A Summary of a Convenient Vocabulary for the Semiotics of Human and Nonhuman Assemblies. In: W.E. BIJKER; J. LAW (org.), *Shaping Technology / Building Society: Studies in Sociotechnical Change*. Cambridge, The MIT Press, p. 259-264.
- APPADURAI, A. 2004. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa, Teorema, 304 p.
- FERRARA, L.D. 2016. Epistemologia da comunicação: asserção e indecisão. In: M.I.V. LOPES (org.), *Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas*. São Paulo, ECA-USP, p. 143-156. Disponível em: http://www.assibercom.org/arquivos/01_epistemologia_ibercom_2015.pdf. Acesso em: 21 set. 2019.
- GUMBRECHT, H.U. 2010. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro, Contraponto, 206 p.
- HJARVARD, S. 2014. *Midiatização e cultura da sociedade*. São Leopoldo, Unisinos, 268 p.
- KITTLER, F. 1995. There Is No Software. *CTheory*, **a032**. Disponível em: <http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=74>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- LATOUR, B. 1999. *Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies*. Cambridge, Harvard University Press, 324 p.
- LAW, J. 2009. Actor Network Theory and Material Semiotics. In: B.S. TURNER (org.), *The New Blackwell Companion to Social Theory*. Hoboken, John Wiley & Sons, p. 141-158.

1 No original: “congealed labor [...] a fresh hybrid that carries past acts into the present and permits its many investors to disappear while also remaining present”.

2 No original: “Semiotics of Human and Nonhuman Assemblies”.